

A SAIA PRETA: UMA HISTÓRIA DA LITERATURA NO JORNAL PORNOGRÁFICO O RIO NU¹

Maria Cristina de Miranda Cruz Araújo²
Natanael Duarte de Azevedo³

INTRODUÇÃO

O presente estudo tratou de uma história dos jornais eróticos brasileiros dos séculos XIX e XX, abordando o romance folhetim pornográfico *A Saia Preta*, do escritor D. Villalflor, publicado no jornal *O Rio Nu* no ano de 1904 nas edições nº 627 a 660. Com a análise das edições do impresso, observamos que além do teor sexual presente, o jornal apresentava críticas políticas e sociais, que eram expressos através do sarcasmo em textos eróticos e/ou imagens expressivas como forma de extravasar as suas inquietações em relação ao contexto político-social em que o Brasil se encontrava.

A pesquisa em impressos finisseculares (XIX-XX) nos permitiu notar que os jornais foram relevantes contribuintes da veiculação e divulgação de informação e comunicação desta época. Eram caracterizados pelo humor apimentado, regado de “textos quentes” e com espaços para ilustrações e fotografias de mulheres nuas e seminuas, seu público-alvo, principalmente, eram homens, pelo teor pornográfico, que através da exposição de imagens aguçava a imaginação. A investigação teve como finalidade analisar e resgatar textos e autores que contribuíram para construção da história da literatura brasileira.

- 1 Este artigo apresenta resultados do projeto de pesquisa “História dos jornais eróticos brasileiros do século XIX e XX” financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC-Af | MCTIC/CNPQ Nº 28/2018 - UNIVERSAL, do Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo (UFRPE);
- 2 Graduanda em Letras/Português pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, cris35.araujo15@gmail.com;
- 3 Professor Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Coordenador do Programa de PósGraduação em Estudos da Linguagem da UFRPE, natanael.azevedo@ufrpe.br

Emergindo assim as discussões acerca do romance folhetim pornográfico *A Saia Preta*, do escritor D. Villaflor.

METODOLOGIA

O estudo se pautou em uma pesquisa documental e bibliográfica de natureza qualitativa, uma vez que a análise partiu de um estudo crítico argumentativo dos textos, a fim de sondar e obter material necessário para a construção de um suporte teórico-metodológico acerca da História da Literatura e História Cultural. Apesar da pesquisa documental é a que possibilita o estudo de uma fonte primária no momento de sua publicação ou a posteriori (MARCONI & LAKATOS, 2010). O primeiro momento da pesquisa voltou-se para o levantamento bibliográfico, através das afirmações de teóricos que fundamentam nossa pesquisa, a saber: História cultural (CHARTIER, 1988); estudos em jornais e história da literatura Certeau (1996; 2006); Hunt (1999); Darnton (1990); Hansen (2006); Frye (2014) para a compreensão da alegoria da sociedade e a sátira; e por fim estereótipos, sexualidade e pornografia Azevedo (2013; 2015), Eagleton (2019) e El Far (2004).

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender o jornal pornográfico *O Rio Nu* (1889 - 1916) tomamos como base as afirmações de estudiosos da temática. Sendo esse considerado o primeiro jornal do gênero a ser fundado no país, e tornou-se modelo para futuras publicações que se espelharam nele. Nesse sentido, “Tomando a materialidade, o suporte e o papel do leitor como elementos capazes de produzir o sentido do texto, entendemos que há uma pluralidade de sentido, pois de acordo com a materialidade do texto e sua escolha tipográfica[...]” (AZEVEDO, 2015, p. 21). Barbosa afirma que:

[...] o jornal é, portanto, o lugar por excelência da multiplicidade discursiva; nele, revelam-se mesmo que de forma incipiente as vozes de uma ‘opinião pública’, da qual participavam os mais variados segmentos da sociedade, entre os quais as mulheres. (BARBOSA, 2007, p. 40)

Consoante a isso, o jornal é visto mediante afirmação como veículo de demonstração da sociedade como forma de oportunizar a opinião pública através dos seus periódicos a realidade que é vista pela ótica das suas

representações considera a sociedade como realidades de diversos sentidos, uma vez que toma para si a possibilidade de ir do discurso ao fato (CHARTIER, 2002).

Ao longo da pesquisa a presença do termo pornografia era recorrente na imprensa brasileira oitocentista, bem como, a exploração de seu uso e sentido. Sendo assim, no decorrer do século XIX e no início do século XX os conceitos e os usos do termo pornografia originavam-se de dois vícios: o primeiro a partir dos tratados médicos sobre a prostituição e o segundo a partir da semiótica do sexo e da sexualidade. (CARDOSO, 2016, p. 4).

Para melhor compreender e embasar esses romances de sensação trago a fala de EL FAR, (2004):

Para melhor compreendermos o significado de uma novela, de um “romance de sensação” ou de um texto pornográfico temos, então, de levar em conta, além do conteúdo intrínseco dessas obras, seus mecanismos de confecção, distribuição e publicidade, que se encontram imersos em um contexto mais extenso de relações de natureza diversa.” (EL FAR, 2004, p. 76).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O jornal pornográfico *O Rio Nu* nos séculos XIX

O jornal pornográfico *O Rio Nu* (1889 - 1916) nos séculos XIX e XX, suportes de veiculação de notícias de grande representatividade. Considerado de longa duração ficando no mercado editorial por 18 anos, foi lançado em maio de 1898, no Rio de Janeiro, trazendo em seus impressos um conteúdo carregado de humor com objetivo de alegrar o seu público. As suas edições, mais precisamente 1320 edições, estão disponíveis gratuitamente no site da Hemeroteca Digital⁴, da qual fizemos uso para nossa pesquisa. No início das suas publicações o jornal não possuía imagens, eram apenas textos corridos sem nenhuma atratividade visual. Porém, com o passar dos anos e percebendo que a leitura de imagem poderia instigar e excitar o leitor ele tomou uma nova roupagem, introduziu imagens sugestivas para aguçar a imaginação do leitor.

4 Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

A pornografia no seu contexto literário

A literatura pornográfica foi por muito tempo silenciada, censurada, vista como tabu, na qual a sociedade tentou negar e camuflar sua existência nos fins do século XIX. Porém, apesar de não ser um tema tão valorizado e reconhecido como literatura, a pornografia fez parte do repertório de muitos escritores, tendo em vista que o assunto causava interesse por provocar êxtase no leitor de livros de romances erotizados. Surgindo assim os jornais pornográficos que divulgavam os romances-folhetim que possuía em seu corpo textual a sexualidade e erotismo, aguçando a imaginação do leitor. Desse modo, compreender o conceito referente à pornografia nos possibilita um olhar mais ampliado sobre o nosso objeto de estudo “os jornais pornográficos”.

O romance folhetim *A Saia Preta*, de D. Villaflor

O romance folhetim pornográfico eleito *A Saia Preta*, de D. Villaflor, circulou no jornal *O Rio Nu* no século XIX. Contando ao todo 30 edições do romance folhetim pornográfico, porém, só foram encontradas 27 edições. A trama conta uma história pornográfica que envolve a traição de Elisa, uma mulher linda e jovem recém-casada, no auge da sua libido, que é ignorada pelo marido Humberto, e acaba se envolvendo num romance com um dos amigos do esposo chamado Carlos.

O romance inicia com Elisa e Carlos em um hotel, eles são amantes. Após o encontro Carlos se dá conta que Elisa esqueceu uma saia preta no quarto. O que é um problema pois Elisa é casada com Humberto Lebrun. Ela só o traiu porque ele “desanimou” o casamento e pela descoberta de uma traição. Porém Carlos tem outra amante, Marietta, que é completamente apaixonada por ele, após o envolvimento no mesmo hotel, ela achou a saia e levou para si. Elisa descobre esse novo romance, passa a sentir ciúmes de Carlos e começa a rejeitá-lo. Enquanto isso, Justino, amigo de Humberto, se interessa por Elisa, mas ela o rejeita, deixando-o um pouco incomodado. Justino conversa com Marietta e se coloca na missão de descobrir a amante de Carlos pela saia preta. Enquanto Elisa se envolve nessa confusão com Carlos, Marietta e Justino. Seu marido busca se envolver com Clemência, a esposa do Dr. Josué. Quando Justino descobre que a saia é de Elisa, ele passa a provocá-la e a convida para sua casa, com o objetivo de recuperar a saia preta, Elisa aceita. Chegando lá, Justino se atira para a mulher que após muito sufoco, foge dele com sua saia. Depois de tudo isso, Carlos, desolado, passa a rondar a casa dela e ela sente vontade de voltar para ele. Depois de perceber os ciúmes que Clemência nutria, Humberto toma

a decisão de fugir com ela e deixa uma carta para Justino. Elisa, desconfiada, abre a carta e se dá conta da fuga do marido. Ela decide chamar Carlos para sua casa e eles ficam juntos e felizes.

Consideramos que o romance obteve sucesso dada a estratégia do autor na escolha dos personagens e no enredo da trama. O primeiro ponto está na figura de Elisa, uma mulher bonita, atraente, cheia de sensualidade e desejo, que é deixada de lado pelo marido ainda recém-casados. Elisa mal tinha conhecido os prazeres carnavais já foi posta de lado ficando à mercê dos desejos despertados no seu corpo jovem. O segundo ponto que atrai o leitor são os relatos de traição presentes no romance, essa trama desperta a adrenalina, a temática da mulher adúltera, devassa. A terceira característica que motivaram o leitor a permanecer fiel ao romance era a estratégia utilizada nos cortes das edições, que sempre deixava um “suspense no ar”, provocando a curiosidade do leitor e aguçava sua imaginação para as cenas dos próximos capítulos.

Uma análise do Romance Folhetim: *A Saia Preta* à luz de Frye, o mimético baixo e o Irônico e Interpretação Naturalista

Ao trazer o romance para a análise crítica de Frye (2014), compreendemos que ele está dentro dos modos mimético baixo, irônico e naturalista. Segundo Frye (2014), o modo mimético baixo é quando o herói está sujeito as mesmas condições que a dos outros homens, ou seja, é uma pessoa comum, confinada à comédia e a sátira e voltada para as personagens em si mesmo.

Ademais, é perceptível que o autor do folhetim pornográfico tem em sua subjetividade aspectos que estão dentro do modo mimético baixo. Quando nos voltamos para o mimético baixo e irônico, observamos os elementos semióticos do texto, ou seja, as características utilizadas no desenvolvimento da narrativa. Enquanto o modo naturalista a visão não se prende apenas no semiótico.

Alegoria da sociedade e a sátira / ironia usando Frye e Hansen

Ao olharmos o contexto da sociedade século XIX e XX, buscamos compreender que nessa época a população não possuía tanta liberdade de expressão, eram mais restritas, o conservadorismo era presente, o povo mais silenciado, onde as informações circulavam de forma restrita, limitada pelo suporte jornal. Para Hansen (2006), existe duas formas de se construir e interpretar uma alegoria. O autor nos revela que, “não se pode falar simplesmente de alegoria, porque há duas: uma alegoria interpretativa ou hermenêutica”

(HANSEN, 2006, p. 8). O autor distingue a alegoria greco-romana, notavelmente na linguística, da alegoria Cristã, onde encontramos nos eventos, personagens, imagens, textos, fatos históricos sendo interpretados alegoricamente. Já para Frye a alegoria faz parte do contexto literário. Quando trazemos esses aspectos para o romance folhetim *A Saia Preta*, fica evidente que as características existentes em seu *corpus* exploram a alegoria, a sátira e a ironia, como forma de prender o leitor pela subjetividade presente em seu público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se, através da pesquisa que a imprensa do século XIX e XX se desenvolveu a partir da junção do jornalismo e literatura. O romance folhetim *A Saia Preta*, apresenta as práticas de leitura e a representação da sociedade da época, por meio das personagens, da trama, e dos ideais que representavam a sociedade oitocentista no período da publicação. Além disso, evidencia características existentes em seu *corpus* que exploram a alegoria, a sátira e a ironia, como forma de prender o leitor pela subjetividade presente em seu público, o texto vem carregado de obscenidade e pornografia o que contribui para a exibição da sátira que faz uso da obscenidade para melhor narrar a descrição do ato sexual, visto que, causa a excitação do leitor. Assim sendo reunidos os princípios que consideramos como base para construção do nosso estudo tais como o conceito de pornografia, a sátira, alegoria, História Cultural e dos estudos, da qual utilizamos o jornal como fonte e objeto de pesquisa história.

Palavras-chave: Romance folhetim, literatura pornográfica, jornal *O Rio Nu*.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Natanael Duarte de. **Trajetória Pornográficas:** O Riso pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros. 2015. 218p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. Disponível em: <file:///C:/Users/crist/OneDrive/Documents/PIBIC/eagleton-teoria-da-literatura.pdf> Acesso em 12 de janeiro de 2022.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1800 – 1900.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007b.

CARDOSO, Erika. **“E como ser Pornográfico?” Usos e sentidos da Pornografia na imprensa brasileira do oitocentos.** Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP), entre os anos 2015 e 2016.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244 p. (Col. “Memória e Sociedade”, coord. p/Francisco Belhencourt e Diogo Ramada Curto, v. 1).

COSTA, Johnatas dos Santos Costa. **Entre a norma e a transgressão: Uma história do jornal pornográfico O Rio Nu (1898-1916).** Aedos, Porto Alegre, v. 13, n. 28, outubro 2021. Disponível em: 114423-Texto do artigo-491148-1-10-20211007.pdf. Acesso em: 20 de mar. de 2022

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução.** Tradução de Waltensir Dutra. 7.ed.. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2019. Disponível em: file:///C:/Users/crist/OneDrive/Documentos/PIBIC/eagleton-teoria-da-literatura.pdf. Acesso em 20 de fevereiro de 2022.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação.** Literatura Popular e Pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo, Companhia das Letras, 2004.FRYE, Northrop. Anatomia da crítica: quatro ensaios. Tradução de Marcus Martini. São Paulo: É Realizações, 2013.

HANSEN, J.A. **Alegoria: construção e interpretação da metáfora.** São Paulo: Hedra, 2006

HUNT, Lyn (Org.). **A invenção da pornografia: obscenidades e as origens da modernidade, 1500 – 1800.** São Paulo: Hedra, 1999.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **O discurso pornográfico.** Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.